



A recepção do fanzine *Desclassificados no Coque*, na Ilha de Joana Bezerra, no Recife, em Pernambuco, no Brasil.¹

Raissa Nascimento Dos SANTOS²
Universidade Católica de Pernambuco

Resumo

Na comunidade do Coque, localizada no município de Recife, no Estado de Pernambuco, no Brasil sete jovens moradores escrevem as próprias impressões sobre a sociedade brasileira. O presente artigo investiga a recepção do fanzine *Desclassificados* na própria comunidade em que ele está inserido, analisando através de questionários e entrevista de grupo focal a popularidade e a transformação social proporcionada nas mentes e nos corações dos leitores a partir das reflexões e temas dos textos do fanzine.

Palavras-chave

Cidadania; Comunicação; Fanzine *Desclassificados*; Coque

Conhecendo a realidade social do Coque

O fanzine *Desclassificados* já tem quatro anos de vida e sete edições publicadas. Em cada página os textos retratam a realidade da sociedade brasileira e discutem com bastante criticidade os problemas que não são debatidos na grande mídia, mas que fazem parte da realidade e do cotidiano dos moradores das comunidades brasileiras, independente da região do país que se encontram as dificuldades enfrentadas são as mesmas, tais como a fome, o desemprego, a violência, o tráfico de drogas, etc.

Os jovens que fazem o fanzine *Desclassificados* são: Antoniel Gonçalves, de 27 anos, Auta Azevedo, de 28 anos, Júnior José, de 28 anos, Lucas Vieira, de 25 anos, Marília Oliveira, de 24 anos, Renato Ribalta, de 24 anos, Rivaldo Procópio, de 27 anos. A maioria dos participantes do grupo são jovens moradores da comunidade do Coque, localizado na Ilha de Joana Bezerra, em Recife, Pernambuco, no Brasil. O local possui apenas 133 hectares onde convivem mais de 40 mil pessoas, destas 13% são jovens na idade dos 15 aos 24 anos.

¹ Trabalho apresentado no Intercom Júnior, na temática DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania – durante a realização do XIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Nordeste, realizado em Recife, de 14 a 16 de junho de 2012.

² Recém-graduada em Comunicação Social com habilitação em jornalismo, pela Universidade Católica de Pernambuco. E-mail: raissa.nascimento.santos@gmail.com



Segundo informações do Atlas do Recife, a comunidade apresenta o pior Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDH-M) e 33,3% da população tem renda per capita de até R\$ 37,75. Apenas 1% da área (o que corresponde a duas ruas) possui saneamento básico e 68,9% das casas têm água encanada. Os moradores ainda têm que sobreviver em meio às dificuldades do local e ao pesado estigma cultural de ser o lugar mais violento da cidade do Recife, e em muitas ocasiões, são vítimas de preconceitos sociais.

A juventude na comunidade também sofre com as consequências da desigualdade social. Segundo dados divulgados na monografia: *O que eles diriam, se não estivéssemos surdos de medo?*, de Carol Sena (2007): no Coque, 13% da população são jovens, deste percentual apenas 0,8% concluiu os 12 anos de estudo e apenas cerca de 10 jovens cursam uma faculdade. Os índices de analfabetismo são altos, na faixa etária dos 15 aos 17 anos, 12,4% são analfabetos e menos de 60% estão na escola. E tem mais: entre os jovens de 18 a 24 anos, cerca de 13% são analfabetos.

A situação começa a mudar no local a partir do momento em que a sociedade civil assume a responsabilidade e começa a implantar projetos sociais na comunidade, como o Núcleo Educacional Irmãos Menores de Francisco de Assis (Neimfa), a Orquestra Criança Cidadã e a Rede Coque Vive. Todos os projetos culminaram na conscientização dos moradores acerca dos seus direitos de cidadãos, na mobilização e participação dos moradores na luta por melhores condições de vida e no aumento da autoestima.

O grupo de jovens decidiu se expressar utilizando a arte do mundo *underground*, o fanzine, que é um instrumento simples e barato de difusão de ideias e pensamentos. A principal característica do novo formato de comunicação emprega a total liberdade de expressão de quem faz e o baixo custo financeiro que engloba apenas: papel e xerox. Outro ponto a ser levado em consideração é a distribuição dos zines que pode ser de mão-a-mão ou fixo em um determinado lugar e as pessoas que se interessam pegam, sem pagar nenhum custo para ter acesso ao exemplar.

Desclassificados: história, produção e distribuição

O fanzine atua no processo comunicacional ao debater os temas do cotidiano dos moradores, utilizando uma linguagem coloquial e muitas vezes até mesmo expressões e



górias. Não há regras durante a elaboração do zine. Emitir a própria opinião e visão de mundo dos fanzineiros e transmitir para o papel é a única exigência.

O trabalho do grupo *Desclassificados* já possui quatro anos e são ao todo, sete edições publicadas e distribuídas. A primeira edição foi distribuída em julho de 2007 e teve 1000 tiragens. A ideia de se comunicar através de um fanzine surgiu após um curso de formação continuada, ministrada pela ONG Equipe Técnica de Assessoria Pesquisa e Ação Social (Etapas). Os jovens amigos queriam continuar as reflexões críticas sobre a sociedade capitalista, os meios de comunicação de massa e queriam mais: transmitir as reflexões a outros jovens. Assim, surgiu o *Desclassificados*, jovens que não são classificados segundo os padrões retransmitidos pela indústria cultural e a cultura do consumo.

A produção do fanzine começa com a escolha da produção do texto e ilustração. Cada integrante possui uma folha para colocar a própria opinião sobre qualquer tema. Muitas vezes, a “inspiração” provém de acontecimentos da comunidade ou da sociedade. E outras vezes são abordados temas relacionados ao futuro incerto: os medos e os sonhos dos fanzineiros. O grupo se reúne na hora de fazer o artigo *cuspiendo por todos*³, escrever o editorial e decidir a capa.

Normalmente, tem o prazo de seis meses de uma edição para outra, mas isso não é regra⁴. Quando todos os textos estão prontos é hora de organizar graficamente, com a ajuda de Igor Cabral, do grupo Etapas, o zine ganha forma no software livre scribus. Depois, é mandado para gráfica que imprime 2000 cópias, que serão distribuídos na comunidade e em outros locais como universidades de Recife.

A troca de ideias acontece nas ruas da comunidade, nas paradas de ônibus e nas horas de lazer. Não há uma data ou local para debate, a maneira alternativa é a preferida dos fanzineiros. O grupo sempre marca duas vezes por mês, reuniões de discussões, na própria Etapas sobre temas atuais, como: mídia no Brasil, indústria cultural, semiótica, comunicação hegemônica, consumo consciente, a história do fanzine, violência, oficinas de língua portuguesa, dentre outros temas. Todo esse esforço para produzir um produto que possa “dizer o que os fanzineiros pensam. Entender porque as coisas acontecem e funcionam e assim, interpretar e recriar a realidade. Além de pensar é possível fazer as

³ O texto é uma expressão da coletividade, sendo redigido em grupo e retrata a opinião de todos os membros do zine.

⁴ Por exemplo, houve edições que tiveram menor tempo de espera. Da primeira edição do zine para a segunda o tempo médio foram de três meses.



peças pensarem e refletirem sobre a própria realidade em que vivem”, esse é um dos nortes dos *Desclassificados*.

Revelando o fanzine *Desclassificados*

A primeira edição do fanzine *Desclassificados* saiu em circulação em julho de 2007. Os textos não eram assinados para exprimir a opinião do grupo e não do indivíduo que o escrevia. Havia apenas duas seções fixas: editorial e o artigo *cuspidor por todos*⁵. Os temas apresentados e discutidos foram: juventude, educação, distúrbios alimentares como anorexia e bulimia, consumismo e sensacionalismo nos meios de comunicação de massa. A linguagem utilizada nos textos são bastante crítica, objetiva e direta, com uma pintada bem de leve de ironia sarcástica. Como exemplo, o trecho do texto *sensibilidade nua ou crua?*

Nós da Companhia *Desclassificados* de Melhoria da Sociedade estamos lançando um novo produto: ‘Racional Humanit’! Garantimos que você nunca o utilizou antes! Ele é voltado para todos vocês que nunca terão a possibilidade de serem proprietários de uma conta alta no banco, nem ter em seus nomes imóveis à beira-mar, pois você é igual à decadência refletida em tudo. Porque todos fazemos parte da mesma podridão. Somos o único lixo que canta e dança no mundo. Você não é a sua conta bancária nem as roupas que você usa, você não é o conteúdo de sua carteira, você não é o seu cartão de crédito, você não é o seu café com leite, você não é o carro que dirige, você não é suas malditas incertezas. Modo de usar: após todas as refeições em frente à televisão assistindo Cardinot, tomar uma colher e meia de ‘humanidade’ e duas de ‘racionalidade’. No entanto, ressaltamos eu se sua cor de pele for suja, ou seja, negra, o produto pode oferecer resistência. Ao persistirem os sintomas se mate e livre alguém deste trabalho (*DESCLASSIFICADOS*, julho/2007, p. 15).

Outra característica da linguagem utilizada nos textos do fanzine é a conversa direta com o leitor através do uso de palavras que instigam o pensamento crítico sobre as próprias decisões e atitudes na vida em sociedade. Do mesmo modo, são feitos questionamentos para provocar ainda mais a reflexão. Os elementos visuais da arte são utilizados para complementar o conteúdo explorado nos textos. O segundo fanzine⁶ abordou assuntos como: televisão, abusos de poder dos policiais e dos políticos, desemprego, inclusão social, violência e meio ambiente. O novo fanzine apresentou

⁵ Retrata a opinião do grupo sobre os assuntos comentados no exemplar. No primeiro fanzine o artigo reuniu agradecimentos às pessoas que contribuíram para a elaboração do número 1.

⁶ A publicação ocorreu três meses após o primeiro exemplar.



profundas mudanças na estrutura, pois teve todos os textos assinados até mesmo o editorial e houve o acréscimo de poemas críticos. Como o poema abaixo:

Vide bula
Não mate a esperança
Não roube a liberdade
Não compre a consciência
Não maltrate o amor
Não limite a capacidade crítica do outro
Não rompa os acordos éticos
Não abuse do poder
Destrua o preconceito
Acabe com a intolerância
Resgate a fé
Respeite as diferenças
Acorde a justiça
Pense no próximo
Desista do lucro
Compre o jornal durante o carnaval
Transgrida as regras!
Conviva!
Leia nas entrelinhas...
E aprenda a vender o seu peixe (DESCLASSIFICADOS,
outubro/2007, p. 8).

Os textos buscam interpretar os fatos, investigando as origens históricas dos problemas da sociedade brasileira. Também, procuram ir até a raiz das questões sociais e apontar solução para os mesmos. As informações divulgadas são embasadas com dados oficiais do governo o que demonstra uma pesquisa prévia por parte do grupo antes de abordar os temas. O fanzine número 3 já apresenta outra mudança: acrescentaram o índice no exemplar, houve a diminuição no tamanho do editorial, tornando-o mais objetivo, direto e cheio de questionamentos. Os temas abordados foram: globalização, capitalismo, televisão, violência, internet, eleições e movimentos sociais. Trocadilhos de palavras são bastante comuns, como exemplo, no texto *o último a morrer*:

Observando os noticiários que acabavam de divulgar o número de 59 mortes em um único final de semana. Mas, segundo a SDS – Secretária de ‘Descaso’ Social – os números apresentados baixaram em relação ao ano de 2006: 63 mortos, quatro a menos que este ano. Nada alarmante, pois a semana estava apenas começando e o divulgado eram apenas números de pobres, favelados, escorraçados, crianças sem educação, ‘jovens ditos ociosos’, homens oprimidos, mulheres esquecidas (DESCLASSIFICADOS, dezembro/2007, p. 10).



A partir do número 4⁷, houve a criação da secção do *disparates enfarpantes*. O espaço de duas páginas é preenchido com frases⁸ que levam a reflexão sobre os problemas do mundo contemporâneo. Como exemplos: “*Jornalismo se um repórter tivesse vários olhos ele continuaria vendo por um único: o do patrão*” e “*A utopia pode ser um sonho, mas a distopia é a regra*”. O quarto fanzine abordou os problemas de saúde pública, corrupção, educação, influencia da mídia e o sistema prisional brasileiro.

A quinta edição teve uma profunda mudança na diagramação do fanzine e não houve a publicação da secção do *disparates enfarpantes* e nem dos poemas. Cada texto ocupou o espaço de uma página e não houve a desorganização comum das palavras e conteúdos que haviam nos fanzines anteriores. No artigo *cuspidado por todos* teve um apelo para o engajamento dos leitores nas discussões propostas pelo fanzine: “*Caro leitor, entre em contato conosco! Quem sabe a gente consiga construir ideias ou até juntar forças para realizar as transformações que desejamos para a sociedade. É tudo uma questão de coletividade...*” (DESCCLASSIFICADOS, dezembro/2008, p. 12). Nessa edição, houve debate sobre os seguintes temas: saúde pública, eleições, fome, violência e democracia.

Na sexta edição, a diagramação começou a voltar para a antiga linha editorial. A secção do *disparates enfarpantes* voltou e o crédito de todas as ilustrações foram feitas com as seguintes palavras: *imagens gentilmente cedidas pela web*. O que demonstra que o grupo estava sem uma pessoa para desenhar no fanzine. As letras do texto variam conforme a fonte e tamanho e os temas discutidos foram: violência, drogas, educação, oportunidade de emprego e abuso de poder – autoritarismo. O grupo *Desclassificados* também tem gírias internas que são utilizadas nos textos, é possível compreender o significado através do contexto geral da frase. Como exemplo o texto *complexo de abiogênese*:

Na teoria da abiogênese algo nasce (uma vida) de outra completamente diversa ou até contrária. Na vida política do Brasil sempre nasceram ‘dirigentes’ pelo processo contrário da abiogênese (quer dizer do modo que é aceito e retificado desde os modernos, ou seja, nada nasce do nada e sim de um organismo anterior): os dirigentes chegaram ao cargo por meio de biogênicos inerentes da conveniência de nossa pachorrice ou nossa falta de poder (que seria o caso o ‘organismo’ anterior) (DESCCLASSIFICADOS, julho/2009, p. 13).

⁷ A edição foi publicada em julho de 2008.

⁸ A maioria das frases são de autoria do próprio grupo.



A última edição do fanzine saiu em circulação em dezembro de 2009 e apresentou algumas mudanças: os textos não foram mais assinados. As ilustrações voltaram a ser feitas por um integrante do grupo. Os assuntos abordados foram: esporte, saúde, direitos civis, violência e crônicas que retratam fatos do dia-a-dia. Ressalto o texto *sem explicação*:

Existem certas coisas no mundo que nos deixam com dúvidas. É certo o papa proibir a camisinha, mas errado não usá-la. Por que o cigarro nos mostra que seu uso pode causar morte e nas bebidas não? Por que em vez de viver preferimos assistir TV? Por que ainda votamos nos que escondem dinheiro na cueca? Por que falamos show em vez de evento? É mais fácil educar a polícia ou dar oportunidade ao povo? Têm-se uma cultura tão rica por que aceitamos outras? Por que os homens preferem folhas de papéis ‘coloridos’ do que salvar o mundo? Por que não matamos os que tentam nos matar?! Por que passamos fome, se exportamos comida pros ricos? Por que julgar o nome de falar, se apenas queremos nos comunicar? Então como se expressar num país sem expressão? Essas coisas só têm uma explicação, deixem de ler um LIVRO e vá assistir televisão! (DESCLASSIFICADOS, dezembro/2009, p. 4).

Já passaram-se aproximadamente três anos desde a última publicação e a edição de número oito, do fanzine *Desclassificados*, está em fase embrionária, de produção.

Investigando os leitores

Depois de conhecer o conteúdo e as ideias divulgadas no fanzine *Desclassificados* o objetivo do presente artigo é conhecer a opinião dos leitores. Sendo que para analisar a recepção do fanzine o principal desafio foi mapear o perfil dos leitores, pois não havia nenhum registro, nenhuma informação⁹. Para dar continuidade ao projeto era preciso mapear e encontrá-los. Para solucionar o problema foi planejado um questionário¹⁰ com dois principais objetivos: investigar a popularidade do fanzine na comunidade e encontrar os leitores em potencial.

Os resultados dos questionários apontaram números expressivos em relação ao desconhecimento da comunidade sobre o fanzine. Os moradores ouvidos¹¹ foram da faixa etária dos 15 aos 29 anos, de ambos os sexos. Do total, 50,90% não sabiam o que

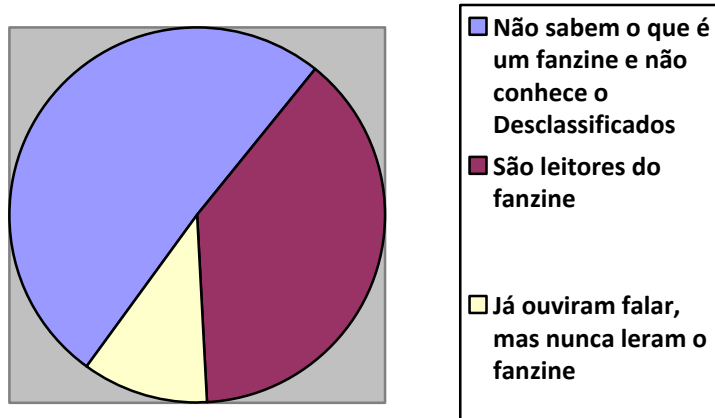
⁹ Não havia registro sobre quem eram os leitores do *Desclassificados* e nem qual era o perfil dos mesmos. Pois, a distribuição dos fanzines era aleatória. Eles ficavam em cima de uma mesa no Neimfa e os interessados pela leitura pegavam e levavam para casa.

¹⁰ O modelo do questionário encontra-se nos anexos do presente trabalho.

¹¹ Ao todo foram ouvidos 55 moradores.

era um fanzine e nem sabiam da existência do *Desclassificados*. Apenas, 10,90% já tinham escutado falar, mas nunca tiveram a oportunidade de ler. E nem sabiam onde encontrar os exemplares. E 38,18% já tinham lido o *Desclassificados*.

Para facilitar a interpretação numérica dos dados coletados durante a aplicação dos questionários, observe os gráficos abaixo:



Primeiro ponto levantado nos questionários foi a pouca divulgação na comunidade: 50,90% dos entrevistados não sabem o que é um fanzine e nunca ouviram falar no *Desclassificados*. Ou seja, não conhecem as ideias transmitidas nos textos. Outro dado preocupante: 10,90% já ouviram falar, mas nunca tiveram a oportunidade de ler porque não sabem onde pode-se encontrar os fanzines.

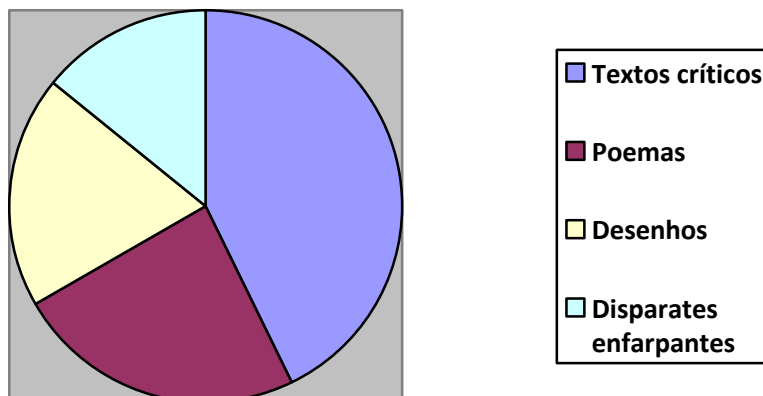
Para aumentar a divulgação das ideias do *Desclassificados* na comunidade é preciso se aproximar mais dos moradores e da juventude. Ir onde estão os jovens, nos grupos culturais, nas escolas e nas casas, e assim, diminuir a distância física entre o fanzine e os moradores.

Para os entrevistados que afirmaram ter lido o fanzine foi perguntado: quantas edições vocês conhecem. Apenas um respondeu que teve acesso a todas as sete obras. 57,14% dos pesquisados responderam que já leram mais de um exemplar¹² e 38,09% admitiram que haviam tido a oportunidade de ler uma das edições do fanzine.

Os entrevistados também foram questionados sobre as preferências de maneiras de abordagem do conteúdo. Foi perguntado o que eles mais gostam no fanzine: os textos críticos, os poemas, os desenhos ou as frases do *disparates enfurpantes*. Os pesquisados, 42,85% responderam que preferem em primeiro lugar os textos críticos. 23,80% optaram pelos poemas. 19,04% escolheram as ilustrações em ordem

¹² Entre os entrevistados a média era de terem lido três exemplares.

preferência, contra 14,28% que afirmaram gostar mais da secção das frases do *disparates enfurpantes*. Graficamente as informações ficam distribuídas da seguinte maneira:

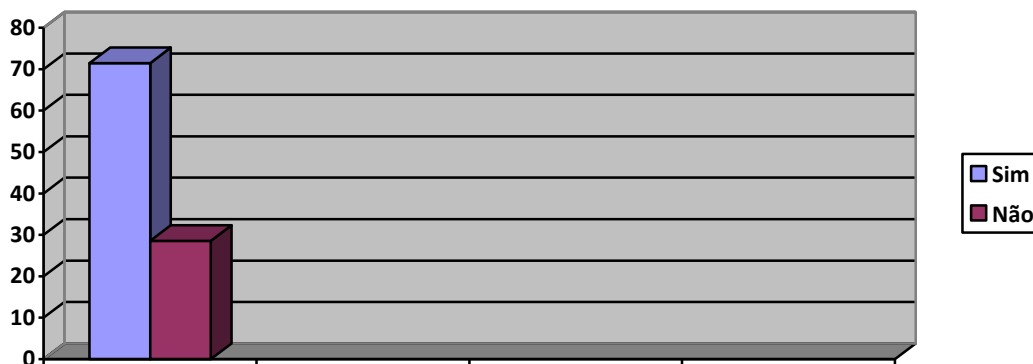


Durante a análise dos conteúdos discutidos nas sete edições do fanzine *Desclassificados*. É possível mapear dez temas que geralmente são comentados com frequência, sendo eles: drogas, esporte, juventude, pobreza, saúde, educação, internet, meio ambiente, política, violência. Os entrevistados foram questionados sobre quais dos temas eles tem mais interesse de ler no fanzine. As respostas foram: juventude, com aproximadamente 30%. Em segundo lugar, a educação com cerca de 17% e no terceiro lugar os assuntos: violência e política empataram cada um com 14,89%. Visualizando graficamente as informações obtidas:



Para avaliar o *Declassificados* como instrumento de comunicação comunitária na comunidade do Coque foi perguntado aos pesquisados se o fanzine já avia

proporcionado mudança de opinião sobre algum assunto. As respostas foram: 71,42% admitiram que sim, contra 28,57% que afirmaram que não. Em gráficos, temos:



Na última pergunta do questionário houve o levantamento de sugestões e críticas para melhorar a produção do *Desclassificados*, que norteará a próxima secção.

A voz do povo será a voz de Deus?

Com a coleta de informações do questionário foi possível mapear os leitores do *Desclassificados* e agendar um horário acessível a grande maioria para fazer um grupo focal¹³. A princípio, na opinião dos 11 participantes, não havia nada a ser mudado no fanzine, após calorosos comentários houve muitas discussões e controvérsias e as primeiras declarações foram se consolidando:

É sempre importante e talvez até contribua no pensamento da comunidade. Acho que tudo o que contenha informação é importante. Agora sinto falta de falar sobre os pontos de cultura aqui no Coque. Não vi nenhum texto abordando a cultura da gente e temos tantos movimentos: grupos de maracatu, afoxés, bandas de música, artesões, pintores,... Também acho que seria bom se tivesse textos falando sobre as atividades que ocorrem na comunidade como o grupo de gestantes, assim mais pessoas poderiam fazer parte e informar no próprio fanzine onde a gente pode encontrar os futuros exemplares (Francielly Maria da Silva, de 18 anos).

Karla Maria Lima da Silva, de 18 anos, também participa da discussão: “Tem muita coisa interessante aqui e que não são valorizadas. Existem muitos moradores com um belíssimo exemplo de vida e lições para dar para muita gente, mas que pouquíssimas pessoas conhecem. Às vezes eu acho a linguagem do texto difícil”. Francielly Maria da Silva complementa:

¹³ O grupo focal ocorreu no Neimfa, na própria comunidade.



Algumas palavras são difíceis de entender o significado no texto. Dá até para entender o contexto, mas o significado daquela palavra não. E ter que parar a leitura para procurar a palavra no dicionário dá uma preguiça! Bom mesmo é texto com palavras que a maioria conhece e de fácil interpretação (Francielly Maria da Silva, de 18 anos).

Alice Kelly, de 17 anos, acredita que o fanzine deve ser um espaço para valorizar o lado positivo da comunidade e deixar um pouco de lado as coisas negativas que a grande mídia já aborda:

Já tem a mídia que fala mal do Coque, as próprias pessoas que não conhecem a comunidade ficam julgando quem mora aqui. Ter no fanzine um espaço para valorizar os projetos sociais, as pessoas que tem uma bonita história de vida e não falar sobre violência, drogas que é o que todo mundo fala. Eu acho que o fanzine pode ajudar a mudar a visão que as pessoas de fora têm do Coque (Alce Kelly, de 17 anos).

Durante o andamento do grupo focal, Dayvison Jean Silva, de 18 anos, folheando o fanzine número 3, encontrou o texto *o último a morrer* e se indignou com a forma como era tratado o tema da violência. O texto dizia o seguinte: “Medo, angústia, discórdia e dor. Temos que conviver com esse terrível derramamento de sangue, vendo todos os dias crianças, adolescentes, homens e mulheres sendo brutalmente assassinados” (DESCCLASSIFICADOS, dezembro/2007, p. 10). Na opinião de Dayvison o grupo Desclassificados possuiu o mesmo discurso da grande mídia e não consegue valorizar as coisas boas da comunidade.

Uma pessoa lendo isso aqui e sabendo que são moradores do Coque que escrevem vai pensar que aqui se morre todo dia. Como se isso fizesse parte da nossa rotina e isso não é verdade! Aqui existe violência, droga, fofoca, mas do mesmo modo que há em todo lugar porque em Boa Viagem também tem. Porém, o preconceito só cai nos moradores do Coque? Também acho que o pessoal do fanzine tem que chegar junto dos moradores e perguntar como é o Coque para você? Assim o *Desclassificados* terá uma visão muito melhor sobre o bairro. Ah, não é só perguntar a um e outro e só, mas conversar com os jovens e também com os mais antigos para poder comparar as opiniões e escrever o que pensam os moradores também (Dayvison Jean Silva, de 18 anos).

Bruno da Silva Souza, de 16 anos, afirmou que na escola os amigos já tiveram preconceito quando souberam que ele mora no Coque, com frases como “Deus me livre de um dia ir para ali”. Quando isso ocorre Bruno conversa sobre a história da comunidade, algumas vezes o diálogo esclarece a visão “distorcida” das pessoas de fora e em outras vezes não.



É difícil dizer que moro no Coque, as pessoas já olham com uma cara diferente para você. Então, ter um canal para apoiar, mostrar as coisas boas que tem na comunidade. Para ver se quebra a visão que as pessoas de fora têm do Coque. Eu penso que o *Desclassificados* tem que procurar saber com os moradores a opinião deles também sobre os assuntos para não ficar só a opinião de um grupinho e dizer que é a do Coque, porque essa aqui não é a minha opinião. Eu acho que se houvesse mais entrevistas com os moradores seria bem melhor (Bruno da Silva Souza, de 16 anos).

De maneira geral, o fanzine pode ser utilizado como instrumento para aproximar as pessoas dos anseios coletivos da própria comunidade, promovendo o engajamento dos moradores na luta pela participação social. Porém, para atingir os objetivos propostos pela comunicação comunitária é preciso oferecer espaço para a expressão dos moradores e nessa questão, o *Desclassificados* não possui a vertente de dar espaço para a expressão da comunidade¹⁴, pelo contrário, o fanzine é ideal para discutir e refletir os problemas da sociedade brasileira a partir da visão de mundo dos autores do texto.

Para resolver o problema da pouca participação comunitária na produção do fanzine a solução seria abrir as reuniões e discussões do grupo para toda a comunidade. Dessa forma, os moradores iriam se sentir partes do processo e ter as próprias opiniões valorizadas e reconhecidas no *Desclassificados*.

Referências bibliográficas

DESCCLASSIFICADOS, Recife: julho/2007, ano 1, nº 1.

DESCCLASSIFICADOS, Recife: outubro/2007, ano 1, nº 2.

DESCCLASSIFICADOS, Recife: dezembro/2007, ano 1, nº 3.

DESCCLASSIFICADOS, Recife: dezembro/2008, ano 2, nº 5.

DESCCLASSIFICADOS, Recife: julho/2009, ano 3, nº 6.

DESCCLASSIFICADOS, Recife: dezembro/2009, ano 4, nº 7.

PREFEITURA MUNICIPAL DO RECIFE. *Desenvolvimento Humano no Recife: Atlas do Recife*. Recife: Prefeitura do Recife : SEPLAM : PNUD Brasil, 2005. CD-ROM.

SENA, Carol. *O que eles diriam, se não estivéssemos surdos de medo?*. Recife: UFPE, 2007.

¹⁴ O grupo do *Desclassificados* é totalmente aberto à sugestões, mas os jovens do Coque guardam as contribuições por pura timidez.